

A importância da agricultura familiar no cenário agroindustrial de Serafina Corrêa/RS

Ricardo Stedile Neto*

Ligian Cristiano Gomes**

Mateus Pessetti***

Introdução

Uma das principais características da ciência geográfica é a constante procura em reler seus conceitos e seus paradigmas. Essa dinâmica é a que caracteriza todas as ciências, em especial, a Geografia, sendo fundamental para que o pensamento científico possa acompanhar as transformações em que o meio técnico-científico-informacional impõe a sociedade. Esse processo de releitura da Geografia possibilita a obtenção de respostas que condizem com a atual dinâmica da natureza/sociedade. Pode-se dizer então, que, a Geografia possui como desafio principal, o acompanhamento das transformações complexas do mundo de hoje.

A agricultura não está distante disto, pois apresenta, com o passar do tempo, releituras de sua estruturação, mudanças de seus paradigmas e de suas técnicas. Pode-se apontar que o Brasil sempre esteve atrelado à agricultura, a qual é um dos principais motores econômicos do país. Com base nisso, a forma como ela se articula impacta, tanto positivo, quanto negativamente, o território brasileiro e sua população.

A agricultura familiar é uma das tipologias em que a agricultura se divide no território brasileiro. A mesma sempre teve um papel importante na dinâmica rural do território brasileiro. Apesar de ter passado por uma marginalização após a década de

* Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria com foco em Geografia Cultural. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria com foco na organização espacial. Professor da educação básica. E-mail: rickstedile@gmail.com

** Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria com foco em Geografia Cultural e Organização do Espaço. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ligiangomes53@gmail.com

*** Licenciado em Geografia pela Universidade de Passo Fundo. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria com foco em Geografia Rural. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor da educação básica. E-mail: mateuspessetti84@gmail.com

1970 com a modernização do campo, quando houve a inserção do agronegócio e a agricultura latifundiária, a qual se tornou a estrutura de produção predominante no país, a agricultura familiar voltou a se valorizar após a década de 1990 quando são criadas algumas políticas públicas voltadas para essa forma de agricultura.

Hodiernamente, a agricultura familiar é responsável por abastecer a maior parte do país, sendo responsável por boa parte da alimentação que a população brasileira utiliza. Com base nisso, o presente artigo tem como objetivo e problemática realizar um levantamento da importância que a agricultura familiar tem para o município de Serafina Corrêa/RS, levando-se em consideração que o mesmo se constitui como um município agroindustrial. Para alcançar este objetivo serão utilizados dados que foram levantados durante trabalho de campo na área rural do município, além do aporte teórico realizado acerca do tema estudado.

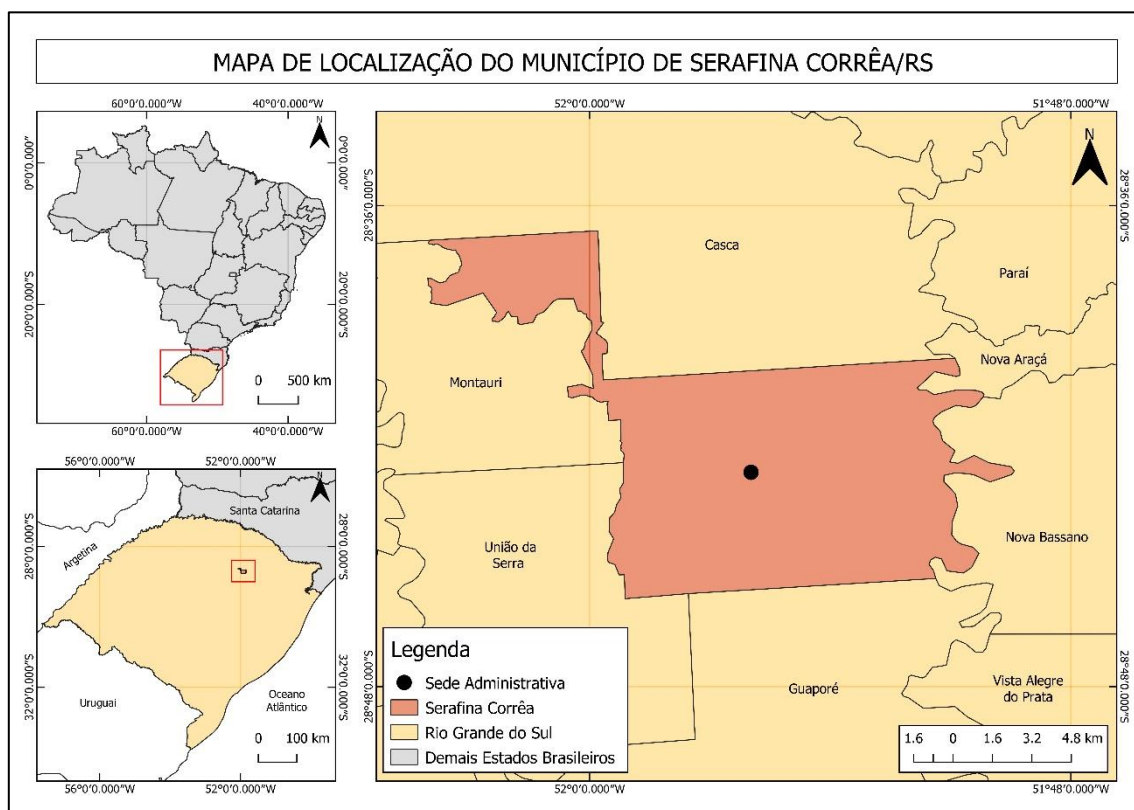
O cenário municipal de Serafina Corrêa é dividido em um distrito sede, e apenas um distrito de área rural. Nessa realidade encontramos um município com um distrito industrial, e com a presença de diversas unidades de agroindústrias familiares, que caracterizam a produção agrícola do município.

Localizado na Região do COREDE Serra, no Planalto Meridional, Serafina Corrêa se encontra numa área entre vales e montanhas, na encosta da porção nordeste do estado. A unidade territorial apresenta uma população de 17,198 habitantes, divididos numa área de 163,283 km² e uma densidade demográfica de 105 hab/km² (IBGE, 2018).

O município em estudo se insere na Microrregião Geográfica de Guaporé (MRG 13), a qual pertence a Mesorregião do Nordeste Rio-Grandense e está localizada na latitude sul 28°42'42" e longitude 51°56'06" à oeste de Greenwich. Apresenta como limites: ao norte o município de Casca; ao sul Guaporé; a leste o município de Nova Araçá e a oeste o município de União da Serra (Mapa 1).

É importante destacar que, segundo dados do IBGE (2018), apenas 15% da população reside na zona rural e 85% na zona urbana do município, na atualidade. Como já fora supracitado, a área rural de Serafina Corrêa é constituída de apenas um distrito, Silva Jardim, que possui cerca de 600 habitantes e é o polo produtor da agricultura do município. Além de quatro localidades, as quais são caracterizadas por pequenas propriedades, as quais mantêm as características camponesas e de agricultura familiar. Porém, essas propriedades, em sua maioria, apresentam produção apenas para subsistência.

Mapa 1 – Localização do Município de Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2019 - SIRGAS DATUM 2000.

Org.: PESSETTI, M. 2018.

A colonização de Serafina Corrêa, assim como em grande parte dos municípios da serra gaúcha, ocorreu por europeus, principalmente italianos. Essa colonização caracteriza a organização espacial da unidade territorial até os dias atuais, tanto no âmbito urbano quando no âmbito rural.

Com base nisso, é importante levarmos em consideração a forma que o colono italiano articulava suas propriedades rurais, em sua maioria, eram pequenas unidades agrícolas, de origem familiar. Essa forma de produção, ainda se encontra no município, porém em escala menor. A maior parte dos agricultores acabou cedendo a aderindo a produção para agronegócio, atendendo às necessidades das empresas que estão instaladas no distrito industrial. Porém, ainda podemos encontrar propriedades de cunho familiar, principalmente caracterizadas como agroindústrias familiares.

Mediante isso, a temática do presente artigo é de extrema importância, pois realizar um perfil da atual estrutura do cenário agrícola do município de Serafina

Corrêa. Tal estudo se torna necessário, quando se percebe a falta de estudos realizados nesse tema, além de ser notada uma hibridização cultural muito forte na unidade territorial em estudo, podendo ocasionar a perda das convenções culturais, ocasionado assim, a perda do modo de produção tradicional que os estabelecimentos familiares que estão presentes no município preservam.

Referencial teórico

A Geografia sempre esteve atrelada a estudar a forma como o homem se articula e se apropria do espaço natural. Para tal fato, a ciência geográfica se desenvolveu através de paradigmas e em temáticas que estudam os efeitos antrópicos. Junto com as demais Ciências Sociais, a Geografia é a grande responsável por explicar a atual dinâmica das relações sociedade/natureza.

Um dos ramos do estudo da Geografia é a Geografia Agrária, a qual estuda a forma como o espaço agrário se desenvolveu e dinamizou, através do tempo. Com o estudo dessa temática, torna-se possível explicar a forma como os países, que baseiam sua economia na agropecuária, entre eles o Brasil, se desenvolve e se articula em relação a este cenário.

É sabido, que a agricultura foi a grande responsável pela criação das grandes civilizações. Ou seja, foi com o domínio da agricultura que os humanos deixaram de ser nômades e passaram a se fixar, formando assim as primeiras cidades. Tal fato aconteceu há aproximadamente 10 mil anos, e foi responsável por organizar a espécie humana na dinâmica atual.

Com o domínio de agricultura, a agricultura familiar foi a forma como a mesma se estruturou. Portanto, é relevante ressaltar a forma de produção familiar, inicialmente para subsistência é uma prática secular, que vem sendo desenvolvida juntamente com o desenvolvimento das sociedades.

É importante destacar que a agricultura familiar não entendida como trabalho familiar. Nesse sistema de produção o que distingue para as demais formas sociais é o papel da família como a estrutura essencial para a reprodução social, as quais remetem formas de transmissão do patrimônio natural e cultural (SAVOLDI; CUNHA, 2010).

Nesse sentido, compreende-se como agricultura familiar, não apenas a utilização do trabalho familiar na propriedade e no cultivo. A forma de produção familiar pressupõe que propriedade e trabalho estejam interligados, sendo uma unidade de produção com base e ligação à família (SAVOLDI; CUNHA, 2010).

O Ministério da Agricultura (2016) quando se refere à agricultura familiar destaca que

A agricultura familiar tem dinâmica e características distintas em comparação à agricultura não familiar. Nela, a gestão da propriedade é compartilhada pela família e a atividade produtiva agropecuária é a principal fonte geradora de renda. Além disso, o agricultor familiar tem uma relação particular com a terra, seu local de trabalho e moradia. A diversidade produtiva também é uma característica marcante desse setor.

Nota-se então, que para o órgão gestor, o agricultor, a propriedade e a natureza estão interligados. Para um agricultor ser considerado como um agricultor familiar, é necessário que o mesmo tenha uma relação com a terra, que compreende a importância de preservar o local de produção.

O Brasil apresenta, na atualidade, uma forma de produção latifundiária a qual é voltada para o mercado capitalista. Partindo disso, pode-se colocar em dúvida a existência ainda da agricultura familiar no cenário nacional. Levando-se em consideração os termos conceituais, pode-se dizer que seja mantido o caráter familiar de uma produção, é necessário que ao menos um membro da família, divida o cargo de administrador e de trabalhos. Tal fato se justifica com as palavras de Abramovay (1997, p. 3) quando o autor destaca que

A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas.

Podemos perceber então, que é necessário que haja uma relação de gestão e trabalho familiar para que determinada propriedade seja classificada como agricultura familiar. Neste cenário, no Brasil, a maior parte é de pequenas propriedades, com poucos recursos. Segundo Wanderley (1995), a maior parte de produtores familiares no país possuem entre 10 e 100 hectares, dentre os quais a maioria maciça fica na faixa entre 20 e 50 hectares.

A importância que esses agricultores familiares têm para a economia do país se exemplifica com os dados. Segundo o MDA, cerca de 80% das propriedades agropecuárias são de cunho familiar, as quais são responsáveis por 90% da economia dos municípios com até 20 mil habitantes. Tal fato mostra que a agricultura familiar é a que movimenta o setor rural no âmbito nacional.

Para o MDA (2016), pode se considerar um agricultor familiar e empreendedor familiar, conforme a Lei nº 11.326/2006 aquele que

[...] pratica atividades no meio rural, possui área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família.

Se levarmos em consideração o trabalho executado fora do campo, o mesmo pode ser considerado como uma forma de auxiliar na manutenção dos trabalhos agrícolas. Tal fato pode ser visto que então, no cenário desses pequenos produtores, a exploração de mercados extra-agrícolas pode ser uma segunda opção de atividade agrícola, reformulando a reprodução social.

Savoldi e Cunha (2010, p. 27) divide a agricultura familiar em três categorias distintas, as quais mostram formas de organização do meio de produção:

- Família Agrícola de Caráter Empresarial, ou o chamado “verdadeiro agricultor”, cuja lógica de reprodução social é determinada pela realização de uma produção orientada para o mercado, obedecendo a satisfação de índices de rentabilidade e de produtividade crescentes: caracteriza-se por uma conjunção de fatores econômicos, técnicos a uma situação patrimonial e social favorável à rentabilização da exploração.
- Na família Camponesa, a lógica da atividade agrícola não é dada em termos de prioridade pela busca da taxa de produtividade e de rentabilidade crescentes, mas pelo esforço de manter a família em determinadas condições culturais e sociais, isto é a manutenção da propriedade familiar e da exploração agrícola. A família é um valor que se impõe à produção embora seja indissociável da propriedade e da exploração agrícola.
- A Família Agrícola Urbana não se orienta prioritariamente pelos padrões produtivistas, mas também se distingue da “família camponesa” apesar de resgatar alguns de seus valores e de expressar um forte vínculo com uma localidade particular. Esse modelo de família rural repousa sobre um sistema de valores próprios que orienta a produção agrícola, não em função do lucro e da produtividade crescentes, mas para a melhoria da qualidade de vida, sem deixar de considerar a realidade do mercado e obviamente a capacidade de retorno com termos de rendimento.

Pode-se considerar também, que a classificação como um agricultor familiar não é propriamente feita através da área de produção e da produtividade. Tal classificação acontece pelo nível de desenvolvimento tecnológico e nos sistemas de produção que são adotados por este produtor. Os agricultores de origem familiar vivem uma grande dificuldade de disponibilidade de recursos e de possibilidade de desenvolvimento tecnológico. Sobre isso, Lamarche (1994, p. 19) destaca que

Os agricultores organizam suas estratégias, vivem suas lutas e fazem suas alianças em função destes dois domínios: a memória que guardam de sua história e as ambições que tem para o futuro. Suas chances de atingir o modelo ideal, ou simplesmente de se aproximar dele, dependerão da complementaridade de seu projeto junto ao que a sociedade elaborou para eles.

Também se pode destacar sobre os agricultores familiares possuem objetivos e estratégias bastante heterogêneas. Os próprios foram responsáveis em muitos momentos de desintegração do conceito de agricultura familiar, por tentarem se inserir no mercado capitalista. Muitos desses agricultores classificam a forma de produção familiar como atrasada, se levarmos o ponto de vista econômico. Isso se dá pela forma de hegemonia e formações ideológicas sobre a agricultura familiar (BOAS, 2018).

Apesar disso, é necessário realizarmos uma reflexão e percebermos que esse estereótipo da agricultura familiar não corresponde à realidade. Lamarche (1993, p. 24) ressalta isso quando diz

A exploração familiar deve ser analisada em seu conjunto, ou seja: tendo em conta diversas entidades que a estruturam. Compreender seu funcionamento significa colocar em evidência as diferentes lógicas em função da qual o agricultor determina suas escolhas fundamentais. Estas lógicas se definem em relação a um determinado número de sistemas.

Para que possamos utilizar o termo de agricultura familiar em políticas públicas, e para que as mesmas sejam eficientes, é necessário que entendamos o agricultor familiar como um agente formador social, além de ser diferentes entre si, não sendo classificados nessa categoria simplesmente por se utilizarem de forma predominante da mão de obra familiar.

Com base nisso, Abramovay (1992, p. 19) relata que

A agricultura familiar não é um fenômeno tão generalizado que não pode ser explicada pela herança histórica camponesa, de fato, em alguns casos existentes, na verdade, o Estado foi determinante na moldagem da atual estrutura social do capitalismo agrário das nações centrais. Uma agricultura familiar, altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa.

A atual dinâmica da agricultura familiar é dividida apenas entre os pequenos produtores, de fato, aqueles que normalmente apresentam menor renda e menor possibilidade de investimento. Esses vivem de maneira muitas vezes precária, sendo um dos principais motivos para o crescimento sustentável da agricultura familiar.

Pode-se dizer então, que a agricultura familiar sempre esteve presente no desenvolvimento econômico do país, principalmente para as pequenas cidades. A negligência em que o poder público vem tratando essa forma de agricultura gera impactos negativos para esses produtores, e para todos os setores, tanto agrícolas quanto urbanos.

A agricultura familiar praticada nas pequenas propriedades do Brasil, só passou a ter uma política para beneficiar durante a década de 1990, juntamente com as transformações sociais e econômicas no cenário mundial. Nessa nova realidade, a agricultura familiar passa a assumir um papel importante nesse cenário de transformação do espaço agrário brasileiro.

A agricultura familiar e sua importância para o município de Serafina Corrêa/RS

Como já fora supracitado, Serafina Corrêa apresenta uma população de aproximadamente 17 mil habitantes, onde 85% dessa população residem em área urbana. Essa população, em sua maioria de descendência dos imigrantes italianos que colonizaram a área, mantém as tradições deste grupo étnico em partes, sofrendo uma forte hibridização devido às demais etnias que chegaram ao município, principalmente no início do século XXI.

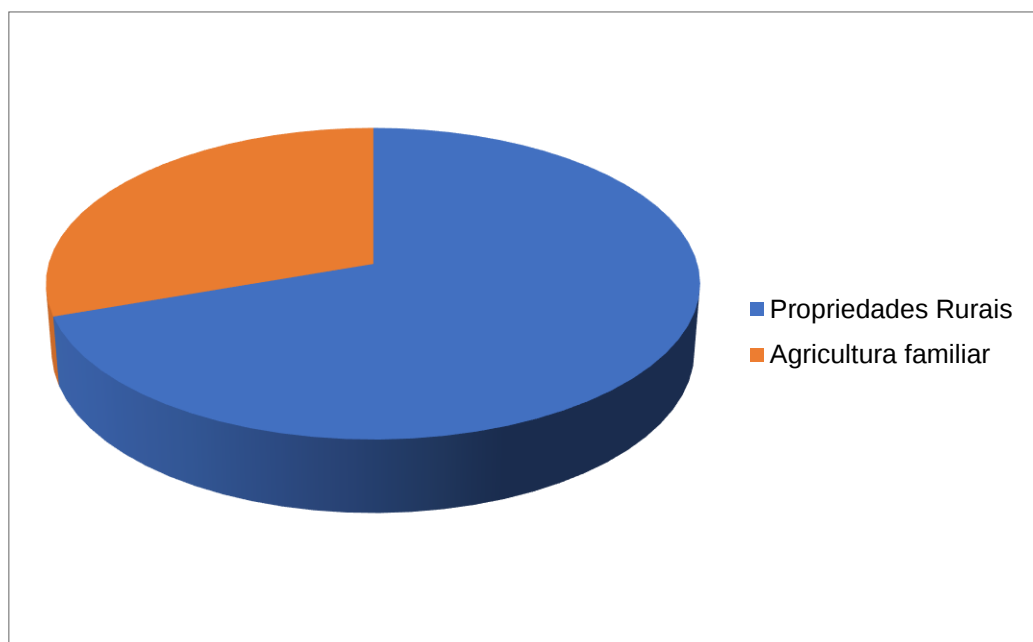
Em âmbito rural, a unidade territorial em estudo apresenta 15% da população do município, ou seja, aproximadamente 2500 habitantes. Esses, são os responsáveis pela produção das matérias primas, em sua maioria, para as indústrias que estão presentes no recorte espacial, que conta com um polo industrial bastante desenvolvido, principalmente com empresas do ramo alimentício.

Segundo dados do IBGE (2017), Serafina Corrêa apresenta 473 estabelecimentos rurais, onde aproximadamente 44% desses são classificados como agricultura familiar. Neste sentido, pode-se perceber que uma significativa parcela dos estabelecimentos rurais conserva a forma de produção colonial, onde se utiliza da mão de obra familiar (Gráfico 1).

Pode-se perceber também, que a dinâmica atual do cenário rural do município utiliza mão de obra externa para dar conta do mercado. Os estabelecimentos rurais empregam aproximadamente 1400 pessoas no município, onde cerca de 1200 possuem um grau de parentesco com o produtor. Esse dado mostra, que mesmo nas propriedades que não se caracterizam como agricultura familiar, a herança do colonizador, de estar ligado a família ainda é presente. Além disso, pode-se perceber que há uma predominância de trabalhadores do sexo masculino (IBGE, 2017).

Em questão de incentivos, é importante destacar que a situação está bastante dividida, onde podemos notar que 49% dos produtores obtiveram financiamento e/ou empréstimo para investir no seu cultivo, e 51% não obteve qualquer tipo de auxílio. Isso mostra que a realidade econômica destes produtores está bastante equilibrada, e demonstra o atual desenvolvimento do campo deste município.

Gráfico 1 – Propriedades Rurais de Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2017.

Org.: STEDILE NETO, R. 2019.

Entre os agricultores que obtiveram financiamentos ou empréstimos, é relevante destacar que a grande maioria foi através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o qual é concedido pelo governo federal para os produtores que se encaixem na agricultura familiar. Em paralelo, uma pequena parcela obteve esses incentivos através do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (PRONAMP), o qual é concedido pelo BNDES.

É relevante ressaltar que a maior parte da produção é voltada para atender ao distrito industrial que integra o cenário econômico do município. Isso justifica, as maiores produções serem no cultivo de grãos, que atendem a pecuária do município.

O distrito industrial de Serafina Corrêa é dominado por empresas do ramo alimentício, onde são produzidos produtos com base principalmente de suína e galinácea. Esses são as duas principais criações da pecuária no município, e se utilizam da produção principalmente de milho e trigo para alimentar estes animais.

Segundo os dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017), cerca 75% dos estabelecimentos criam galináceos, e 60% criam suínos. Essa criação já é predestinada para as empresas, principalmente a Brasil Foods (BRF), que é a principal no beneficiamento dos produtores que utilizam a carne destes animais como matéria prima.

Com isso, é importante destacar que a própria empresa investe nestes estabelecimentos. Tal fato explica a forma como estas propriedades se desenvolveram, tendo possibilidade de se tecnificarem, deixando de lado assim as características de produção familiar, cedendo então para as necessidades do mercado, e se inserindo no agronegócio.

Essa garantia de compra por parte das grandes empresas dos pequenos e médios produtores auxilia no desenvolvimento da área rural do município. Além disso, é relevante ressaltar que ao passo em que os moradores da área rural do município se desenvolvem e se consolidam economicamente, a área urbana também é beneficiada.

Além das propriedades que atendem ao mercado industrial local, é possível encontrar nas localidades, ao redor do distrito de Silva Jardim, pequenas unidades familiares, onde pode-se encontrar o modo de produção colonial camponês. Nesses estabelecimentos agropecuários, que correspondem a cerca de 3% do total de propriedades rurais encontra-se produtos que são utilizados para subsistência e para o abastecimento dos mercados e feiras do próprio município.

Com base nisso, e através dos dados que foram visualizados e analisados pode-se chegar à conclusão de que a agricultura familiar é determinante para o sucesso do cenário industrial de Serafina Corrêa. A presença dessa atividade agrícola de cunho familiar ajuda ainda, na manutenção da cultura na região, respeitando os saberes tradicionais desses agricultores.

Considerações finais

A agricultura familiar sempre teve papel muito importante no desenvolvimento do setor agrícola no Brasil. Herança dos europeus que colonizaram o país durante o final do século XIX e início do século XX, essa forma de estrutura de produção se articula baseada em áreas de pequeno cultivo e com mão de obra familiar.

O estado do Rio Grande do Sul por ter sido colonizado principalmente por alemães e italianos, apresenta uma forte presença da agricultura familiar. Tal fato nota-se principalmente nas pequenas cidades, onde há a agricultura de subsistência e de abastecimento de mercados locais.

Com o passar do tempo e, principalmente após a modernização do campo, durante a década de 1970, a agricultura familiar foi perdendo espaço e sendo marginalizada no meio rural. Com a revolução do campo, a produção latifundiária foi dominando o cenário agrícola no país, e aqueles produtores que não se inseriam nessa nova estrutura do campo era tipo como atrasado e excluído de suas relações sociais e econômicas.

O processo de tecnificação do campo também foi responsável pela quase extinção do camponês. O campesinato que se caracteriza pelo equilíbrio do homem com a natureza, o qual compreende que a preservação da mesma auxiliará no seu próprio desenvolvimento perdeu espaço para o modo de produção capitalista.

A partir da década de 1990, principalmente, o governo federal acabou por criar algumas políticas públicas que auxiliaram a manutenção da agricultura familiar no território nacional. O PRONAF é a principal e possibilitou que os pequenos produtores, com estrutura de agricultura familiar obtivesse incentivos e financiamentos para investirem em suas propriedades e manterem seu modo de produção tradicional.

O município de Serafina Corrêa/RS, o qual consistiu no recorte espacial estudado, apresentam as duas realidades de estrutura agrícola. De um lado, os médios e grandes produtores, voltados para o mercado capitalista, alicerçado nas empresas presentes no distrito industrial do município. Em contrapartida, é possível encontrar pequenas propriedades que mantem o modo de produzir camponês, se utilizando da mão de obra familiar em todas as etapas do cultivo.

Com os dados que foram obtidos para a realização deste trabalho, notou-se que a maior parte da produção agropecuária do município é destinada para atender às grandes indústrias presentes no município. Tais fatos acabaram por deixar a agricultura familiar sem espaço no cenário do município, que passou a ser classificado como uma unidade territorial agroindustrial. Nota-se isso, quando são criadas as primeiras agroindústrias familiares, que englobaram alguns dos agricultores familiares durante o início dos anos 2000.

Percebe-se, porém que, na atualidade, a agricultura familiar é de extrema importância para a economia e para a manutenção da cultura italiana no município. Isso acontece, pois, os agricultores familiares são, na sua maioria, os responsáveis pelo abastecimento do mercado local. Ou seja, a maior parte dos produtos que são consumidos pelos habitantes do município é proveniente da agricultura familiar.

A presença da mecanização nas propriedades de cunho familiar também é bastante presente, assim como a inserção de produtos que não são nativos para este grupo étnico, como é o caso da soja. Apesar disso, nota-se que nestas propriedades esse processo mecanizado de produção é apenas para o auxílio do trabalhador, não sendo voltado para atender ao mercado capitalista.

Com base nestas informações, fica explícito que a agricultura familiar é importante para o desenvolvimento socioeconômico, não apenas do meio rural como também do meio urbano, para o município de Serafina Corrêa. Nota-se, porém, que a forma como a mesma é tratada no Brasil, e principalmente nos municípios com grande produção, acaba por pressionar a mesma a se inserir na forma de produção capitalista, que foca apenas na obtenção de lucros.

Por fim, é relevante ressaltar que a agricultura familiar necessita de apoio por parte dos governos, para que esta se mantenha e se desenvolva. Valorizar a agricultura familiar é valorizar a história nacional, o qual foi desenvolvido e se consolidou economicamente através da produção agrícola, com ênfase ao modo de produção familiar, onde os pequenos produtores são os grandes responsáveis pela alimentação do povo brasileiro.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão. São Paulo: Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. "Uma nova extensão para a agricultura familiar". In: Seminário Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DR. **Anais...** 1997. p. 29 [Texto para discussão].

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida; PAULINO, Eliane Tomiasi. Fundamentos teóricos para o entendimento da questão agrária: breves considerações. **Geografia**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 113-127, jul./ dez. 2000.

ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UNB. 2007.

ALVES, Flamarion Dutra; VALE, Ana Rute do. **A relação campo-cidade e suas leituras no espaço**. ACTA Geográfica. Boa Vista: Esp. Geografia Agrária. p. 33-41, 2013.

BOAS, Vilas Lucas Guedes. Palavras e expressões ideológicas sobre a questão agrária. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 19, n. 66, p. 1-18, jun. 2018.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Coredes**: perfil socioeconômico. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gob.br/perfil-socioeconomia/coredes/>> Acesso em: 24 jun. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>> Acesso em: 24 jun. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades – Serafina Corrêa**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/serafina-correa>> Acesso em: 24 jun. 2019.

LAMARCHE, Hughes. A agricultura familiar: uma realidade multiuniforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. A análise da empresa familiar agrícola ou industrial. In: ASSOCIATION DES RURALISTES FRANÇAIS. **Lê Monde Rural et lê Sciences Sociales**: omission ou fascination. Tradução de Auro Luiz da Silva. Paris, 1994. [XIX. Colóquio da Association des Ruralistes Françaises].

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito camponês. **Revista NERA**. Presidente Prudente, v. 11, n. 12, p. 57-67, 2008.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA (MDA). **O que é agricultura familiar?**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NAVARRO, Zander. A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. In: GÁSQUES, J. G.; VIEIRA FILHO, J. E. R.; NAVARRO, Z. (Org.). **Agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA. p. 185-209, 2010.

SANTOS, Erika Vanessa Moreira; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. **As múltiplas leituras do espaço rural**. ACTA Geográfica. Boa Vista: Esp. Geografia Agrária. p. 81-101, 2013.

SAVOLDI, Andréia; CUNHA, Luiz Alexandre. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, PRONAF e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**. v. 5, n. 1, p. 25-45, jan./jul. 2010.

SCHNEIDER, Sergio. A presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe. **Revista Redes**, (St Cruz Sul, Online), v. 21, n. 3, p. 11-33, set./dez. 2016.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista NERA**, ano 8. n. 7, jul./dez. 2005

SILVA, José Graziano da. Velhos e Novos mitos do rural brasileiro. **Estudos avançados**, São Paulo. v. 15, n. 43, p. 37-50, 2001.

SILVA, José Graziano da; GROSSI, Mauro Del; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de novo no rural brasileiro. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v. 19, n. 1, p. 37-67, jan./abr. 2002.

VIEIRA, Thiago Wentzel de Melo. “A volta dos que não foram”: camponês e/ou agricultor familiar? Reflexões teóricos-conceituais e a pertinência do campesinato. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 22, n. 46, p. 129-147, jan./abr. 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**. v. 25, p. 37-56, maio/dez. 1995.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 87-145, out. 2000.